

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – SETOR LITORAL.

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO CAMPO: CONCEITOS E DESAFIOS.

IRETAMA
2014.

Elza Dal Santo Cassarotti.

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO CAMPO: CONCEITOS E DESAFIOS.

Trabalho de Monografia apresentado(a) como requisito parcial para a obtenção de certificação do curso de Especialização em Educação do Campo. Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Professor Dr. Marcelo Silva da Silva.

NOVA TEBAS
2014.

SUMÁRIO.

| | | |
|-----|--|----|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 5 |
| 1.1 | Educação do campo e os movimentos sociais..... | 6 |
| 1.2 | Políticas Públicas da Educação do Campo..... | 7 |
| 1.3 | EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) no campo..... | 9 |
| 2 | PRÁTICA DE SOCIALIZAÇÃO NA EJA..... | 11 |
| 3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 13 |
| 4 | REFERÊNCIAS..... | 14 |

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO CAMPO: CONCEITOS E DESAFIOS.

Elza Dal Santo Cassarotti

Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo discutir e levantar aspectos relacionados à Educação de Jovens e Adulto no Campo. Sendo assim, se faz necessário pesquisar a respeito da prática educacional nesse contexto, bem como, buscar uma relação com os aspectos históricos da EJA no campo, abordando os movimentos sociais e refletindo sobre as políticas públicas voltadas para a EJA em especial na Educação do campo. A educação de jovens e adultos no campo, que atualmente é ofertada, ainda não satisfaz aos interesses e às necessidades dos povos do campo, deixando que se multiplique as taxas de analfabetismo e os baixos índices de escolarização.

PALAVRAS-CHAVE: Educação de Jovens e Adultos no Campo; Alfabetização; Socialização.

1 INTRODUÇÃO.

A Educação no Campo é um assunto freqüentemente em pauta nos dias atuais. No entanto é necessário compreender o verdadeiro conceito de Educação do Campo, esta que surge com a perspectiva de rever métodos, estratégias e concepções no ensino (ANTUNES, 1997).

A Educação do Campo se diferencia da educação rural, pois é construída por e para os diferentes sujeitos, territórios, praticas sociais e identidades culturais que compõem a diversidade do campo. Ela se apresenta como uma garantia de ampliação das possibilidades de homens e mulheres camponesas criarem e recriarem as condições de existência no campo. Portanto, a educação é uma estratégia importante para transformação da realidade dos homens e das mulheres do campo, em todas as duas dimensões (ARROYO, 2003).

Mediante este aspecto pode-se enfatizar que a Educação do Campo deve se constituir em um ensino democrático, pois se faz necessário contemplar as necessidades e as diversidades peculiares do cotidiano dos envolvidos na Educação do Campo (ANTUNES, 1997).

A constituição Federal de 1988, trouxe a reflexão acerca da discussão sobre a necessidade de políticas publicas que combatesse a exclusão social, vivenciada pela sociedade. Nesse cenário, se fazia necessário políticas publicas que garantissem a jovens e adultos, e aos povos do campo, o acesso, a permanência e a aprendizagem na escola das quais estiveram distantes durante a infância. São homens e mulheres que não puderam permanecer na escola por diversos motivos. Muitos tentaram retornar à escola, mas, mais uma vez, viveram situações desfavoráveis, principalmente, por não serem consideradas suas estratégias sociais e cognitivas de sobrevivência num mundo letrado (ARROYO, 2003).

Pensando em contribuir para a transformação social, este artigo pretende realizar uma reflexão acerca dos processos de socialização no contexto educacional do campo.

Dessa forma, despertou-se o interesse em pesquisar mais detalhadamente a respeito do assunto, sendo que uma das maiores dificuldades que um docente enfrenta trabalhando com a EJA é a evasão escolar, sendo esta por diversos motivos, onde os alunos param de frequentar as aulas, por dias, ou até meses, depois retornando sem ter um compromisso efetivo com a educação.

Muitos são os fatores que levam a baixa frequência do aluno, mas diante de observações pude constatar que o que mais prejudica é a falta de interação entre eles, pois não cultivam laços de amizade, companheirismo, cumplicidade, fatores estes que deixam um ambiente escolar agradável.

1.1 EDUCAÇÃO NO CAMPO E OS MOVIMENTOS SOCIAIS.

A terra tem significado distinto para o ser humano. Para muitos, ela é a fonte de vida. É o lugar onde plantam alimentos e criam animais que garantem seu sustento. Nesse caso, terra é sinônimo de trabalho (BENJAMIN & CALDART, 1999).

Para outros, ela simboliza riqueza e poder. Quanto maior a propriedade, tanto mais elevado o status social e o poder econômico de seu dono. A constituição brasileira estabelece que a terra deve cumprir um papel social, ou seja, ser produtiva. Mas isso nem sempre acontece. Nosso país tem uma das maiores concentrações fundiárias do mundo. Isso quer dizer que poucas são donas de imensas extensões de terra (KOLLING et al, 1999).

E contrapartida, milhões de trabalhadores rurais não tem nenhum lote de terra para si e suas famílias. Amparados pela constituição, essas pessoas lutam por uma reforma agrária que lhes assegure o direito à propriedade da terra. Esse movimento no Brasil é denominado Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST (KOLLING et al, 1999).

Em consonância a esse movimento no entorno do debate da educação, nasce 1997, a partir do 1º Encontro Nacional de Educadores, organizado pelo MST, uma articulação nacional para a Educação do Campo (BENJAMIN & CALDART, 1999).

O campo cada dia mais está tornando-se um ambiente de vida que valida a ação por políticas públicas explícitas e por um plano educativo competente. A conquista desta formação do sujeito amplia a educação como objetivo de luta. Nesse sentido segundo Vendramini, a:

[...] educação, a medida que cumpre sua função de difundir saberes e comportamentos, que se podem desdobrar em práticas as quais visam as mudanças sociais, de acordo com as necessidades dos movimentos, e um importante instrumento de conscientização, que pode contribuir para diminuir a distancia entre o que a direção do MST proclama e a noção que orienta a sua ação (VENDRAMINI, 2000, p. 162).

Considerando que os movimentos sociais vêm desempenhando um papel fundamental na conquista da educação que vive e trabalha no campo, e frente a essa realidade e ao assumir os desafios na busca de uma educação de qualidade para a população do campo, os movimentos sociais, passam a cumprir um papel que seria do Estado, assumem para si a responsabilidade. O movimento dos trabalhadores sem Terra (MST) representa um caminho de luta durante uma história conquistada por seus integrantes

Segundo KOLLING & MOLINA, entende-se por escola do campo:

(...) aquela que trabalha desde os interesses, a política, a cultura e a economia dos diversos grupos de trabalhadores e trabalhadoras do campo, nas suas diversas formas de trabalho e de organização, na sua dimensão de permanência de processo, produzindo valores, conhecimento, tecnologias na perspectiva do desenvolvimento social e econômico igualitário dessa população. A identificação política e a inserção geográfica na própria realidade cultural do campo são condições fundamentais de sua implementação (KOLLING; NERY; MOLINA, 1999, p. 63).

O Pronera (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária), objetiva aprofundar os níveis de escolarização formal dos operários de zonas rurais que se encontram assentados. Desta forma atua como instrumento de democratização da

ciência no campo, apóia projetos que objetivam metodologias que buscam o desenvolvimento das áreas de reforma agrária (KOLLING et al, 1999).

1.2 .POLÍTICAS PÚBLICAS DA EDUCAÇÃO NO CAMPO.

O acesso à educação foi historicamente, no decorrer dos tempos negado as classes mais pobres da população brasileira, dando origem à luta por uma educação que respeite e atenda as necessidades dos povos do campo. O mesmo ocorre com a EJA, considerada como modalidade de educação, foi marcada pela fragmentação de políticas públicas definidores de ações sistemáticas e contínuas, cujas práticas, desde seus primórdios tem sido caracterizadas pelo descaso do governo.

A dimensão da política pública está na própria constituição originária da Educação do Campo, mas sua configuração e mesmo sua centralidade foram definidas no processo, com a ampliação dos sujeitos envolvidos e das articulações políticas, e pelas novas possibilidades abertas por um governo federal como o de Lula da Silva [...] (CALDART, p.52, 2009).

Ainda assim, o analfabetismo é um dos mais graves e persistentes sintomas desta situação, que afeta diretamente o crescimento e desenvolvimento da população, em especial os Jovens e adultos.

Para tanto a busca incessante dos últimos governos, através de suas políticas de universalização do ensino fundamental, não assegurou a permanência e a continuidade exitosa dos estudos de Jovens e Adultos que a ela recorrem. Na verdade, a fragilidade das políticas públicas e a indefinição de responsabilidades são responsáveis pela descontinuidade das ações e pela baixa qualidade do serviço oferecido.

Nesse contexto Caldart, (p.55, 2009) afirma que:

É fundamental não perdermos na trajetória de Educação do campo a centralidade da dimensão da crítica prática que somente é assegurada pelos seus sujeitos mais diretos os trabalhadores do campo, no movimento real (contraditório) de formação de sua consciência, de construção de seu projeto, inclusive educativo. Se deslocarmos esta centralidade em nome da afirmação obstinada de princípios abstratos, poderemos, sem querer, estar ajudando a eliminar as contradições no plano das ideias, o que na prática significa hoje, repetindo e não repetindo a história, reforçar politicamente o polo da “educação rural”.

A educação no campo tornou-se um direito de todos, assim para promover o desenvolvimento sustentável, as práticas educacionais vem objetivando práticas como diálogos e interdisciplinaridade. O Pronera vem buscando essa diversidade cultural e sócio territorial, diante as interações sociais.

1.3 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) NO CAMPO.

Durante muito tempo, a EJA teve o intuito de superar o atraso daqueles que não sabiam ler e escrever, adotando uma concepção de educação, sem que levasse em conta a experiência de vida dos trabalhadores. Havia o interesse político de erradicar um dos males do subdesenvolvimento, mas não com o objetivo de superar os problemas sociais e econômicos da sociedade brasileira.

Porém, movimentos populares, em meados do século XX, também dedicaram atenção a educação de adultos. Paulo Freire é um dos educadores que desenvolveu uma educação de educação com o objetivo de dar outra intencionalidade a educação e a EJA.

Diante dessas reflexões, pergunta-se, então: qual a atualidade do pensamento de Paulo Freire nesta sociedade pós moderna e em ritmo acelerado de transformação? Seria interessante responder a essa questão com outra pergunta: o que é mais atual do que a tarefa de libertar e humanizar os seres humanos? [...] A atualidade do seu pensamento é inegável porque, ainda neste século, a realidade das pessoas camadas populares não se modificou, pois elas continuam sem perspectiva nenhuma de futuro, esmagadas pela corrente neoliberal [...] (LIMA, p.21, 2007).

No início do século XIX, estava em debate a obrigatoriedade do ensino. As preocupações em torno da educação resumiam-se as questões da obrigatoriedade, da gratuidade, do preparo dos professores, do ensino profissional e da educação das pessoas analfabetas (LIMA, 2007).

Até o final do século XIX, a maior parte da população do país era considerada analfabeta. Havendo expectativa entre aqueles que idealizavam a valorização da educação de que a restrição ao voto do analfabeto fosse ampliar a extensão do sistema escolar, algo que não ocorreu. O índice de analfabetismo era considerado vergonha, e a educação passa a ser considerada necessária para a elevação cultural da nação (ANTUNES, 1997).

Foi ao longo do século XX que a educação popular recebeu maior valorização, pois, de um lado existiam idealizadores da educação que tentavam fortalecer o lugar dela nos debates políticos e de outro, havia a organização popular que seria afetada com as mudanças advindas das relações econômicas nos espaços rurais e urbanos (ANTUNES, 1997).

Desse modo, a abordagem sociocultural do ensino pode fundamentar a concepção dialógica de alfabetização, em que os conteúdos são selecionados em função do sentido sociocultural que têm para os jovens e os adultos que frequentam a modalidade EJA no Campo. Há a preocupação com o desenvolvimento da conscientização política mediante o trabalho coletivo e a valorização da prática social dos sujeitos do processo educativo. Assim, alfabetização não deixa de ser a aquisição de um padrão convencional de escrita, leitura, ortografia entre outros, porém torna-se, também, a busca pela interpretação dos conteúdos ideológicos que envolvem o cotidiano e as experiências já vivenciadas ao longo da vida.

No entanto, Caldart, (p.255, 2012) afirma que:

Assim, as políticas que nortearam a educação de jovens e adultos no Brasil pouco se preocuparam com os homens e as mulheres trabalhadoras do campo. Desse modo, não tivemos, até hoje, um sistema de ensino adequado às especificidades no que diz respeito aos modos de vida dos adultos trabalhadores do campo com a qualidade necessária para que tenham possibilidades de acesso aos conhecimentos mais avançados e plenos que a humanidade produziu. O que tem ocorrido, na maioria das vezes, são campanhas,

programas e projetos descontínuos, não existindo uma política de ações efetivas para a educação de jovens e adultos.

Faz-se necessário desse modo um pensar coletivo, que contemple os anseios da Educação do Campo em sua totalidade, respeitando as diferentes localidades. Deve ser debatido e construído por todos, e não como algo pronto e acabado como sempre ocorreu ao longo da história.

2 PRÁTICAS DE SOCIALIZAÇÃO NA EJA

As práticas de socialização da Educação de Jovens e Adultos devem ter um olhar especial, fazendo assim um trabalho diferenciado, trabalhando a desigualdade social, investigando como é a realidade de cada aluno e a partir da constatação de como ele vive socialmente.

A mudança se dá de forma lenta, mas pode se criar estratégias que colaborem para que possamos conviver com uma sociedade mais justa e digna.

Devido a algumas experiências anteriores com o EJA, resolveu-se desenvolver a pesquisa com esta modalidade de ensino, pois foi presenciado evasão escolar e a falta de motivação que estes alunos encontravam na sua vida escolar, devido a falta de socialização.

O trabalho foi desenvolvido na escola sede do município e em uma escola urbana, porem com a maioria dos alunos do campo. A escola funciona no período noturno, sendo sala multisseriada com apenas vinte alunos.

Durante uma semana foi observado à rotina dos alunos, diante dessa observação foi desenvolvido um trabalho através de uma roda de conversa para que pudessem expor todas as suas necessidades e angustias.

Na roda de conversa os alunos foram contando suas histórias, assim descobrindo que muitos já tinham morado na localidade do seu colega, sendo trabalhadores do campo, desenvolvendo colheitas de lavouras, retireiro de leite, a maioria desenvolvem trabalho de boia-fria, ou seja, trabalhadores que a cada dia

esta em uma propriedade rural diferente. Muitos descobriram terem algum grau de parentesco distante e assim a conversa foi ocorrendo naturalmente.

Alguns alunos relataram que a idade diferenciada, timidez entre outras características contribuía a não permanência na escola, também questionaram que algumas vezes o conteúdo escolar não atende suas necessidades. Algumas vezes problemas de saúde, distancia da escola, dias chuvosos e frios, as dificuldades de memorização, pois necessita respeitar e levar em consideração as suas formas próprias de aprender, em função das especificidades de seu momento de desenvolvimento e aprendizagem, de suas interações.

Sendo que uma pessoa na sua idade adulta que não recebeu certas informações na infância pode apresentar defasagem cognitiva, tudo isso dificulta a alfabetização. A falta de diálogo entre os alunos, principalmente dos mais jovens que não entendiam as necessidades dos mais velhos, diminuía a socialização com os colegas. Enfim, após a conversação chegaram a conclusão que a falta de diálogo prejudicava a sala de aula.

Assim foi proposto uma prática educativa, a professora da turma aprovou a idéia ajudando na intervenção. A prática educativa ajudaria em trocas de experiências, vivências assim como na história de vida de cada aluno.

Para concretizar este trabalho foram propostos passeios onde os alunos pudessem visitar as diferentes comunidades onde cada um deles vive. Toda comunidade rural de Iretama tem sua capela, com seu santo de devoção, diante disto foi proposto para eles que em dias de comemorações destas datas festivas, fossem todos alunos aquela comunidade, assim poderiam se conhecer melhor, saber qual é a sua fonte econômica, pois mesmo em um município pequeno temos muitas variedades, como, leite, granja de frango, cultura como milho, café, feijão entre outros, e através dessa mistura de conhecimento, eles mesmo trariam para a sala de aula o tema gerador, transformando essas experiências em conhecimento e assim ocorrendo a alfabetização.

Concordando com a proposta, procurou-se a secretaria da Educação para conseguir suporte o qual pudesse dar condições a estes alunos de participarem dos

passeios e assim ficou ajustado que a Secretaria de Educação iria fornecer o meio de transporte, onde os alunos iriam fazer seus passeios.

Foram realizados dois passeios, uma festa na comunidade de Santa Luzia, em devoção a sua padroeira, a outra data festiva foi em uma vila rural, uma comunidade próxima da cidade, onde foi realizada a festa da colheita do milho, retornando a escola todos queriam contar as novidades, contaram que no percurso da viagem foram observando os rios poluídos, desmatamento, erosões, praga nas lavouras, a falta de preservação das matas ciliares, mas que também ouviram muitas experiências positivas de famílias que tiram o seu sustento da terra, investindo na agricultura familiar, que acreditam que o campo pode oferecer uma vida digna para os pequenos produtores, trocaram opiniões do que aquela comunidade tinha de especial, o que poderia ser melhorada, conheceram os familiares, dançaram, tocaram violão, participaram de leilões, comeram comida típica do campo e com estas experiências a professora foi coletando informações e as contextualizando com o planejamento escolar retirando temas geradores como sustentabilidade, família, dignidade, amizade, preservação, trabalho entre outros, e assim foram se transformando em produções de textos, leituras, histórias de vida, oralidade, opiniões, assim os alunos foram coletando informações para a melhoria do processo de alfabetização colaborando assim para a construção de suas identidades, promovendo a socialização entre eles, resgatando conceitos, construindo uma vida escolar autônoma e participativa.

Os alunos que não participaram dos passeios ficaram curiosos e demonstraram interesse em participar de novos encontros, sendo que relataram que encontraram alunos desistentes e incentivados pelos colegas e estão pensando em retornar a escola, sendo que a desistência de um aluno, reflete no seu colega, pois a sala de aula com poucos alunos fica sem motivação e assim vai contribuindo com a evasão escolar.

Para a formação de jovens e adultos trabalhar com eixos norteadores que englobem conteúdos das disciplinas da área e dentro de metodologias estratégicas coerentes e as quais encorajem os alunos a procurar oportunidades para reflexão da própria identidade, sua desconstrução e possibilidades de reconstrução. Dessa forma possibilita a inclusão destes com uma educação de qualidade.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Quando a criança, o jovem ou qualquer outra pessoa brinca, passeia, representa, interage ou ainda participa de determinadas atividades sequências suas funções neurológicas vão sendo modificadas, havendo assim aprendizados positivos ou negativos, dependendo das condições que esses acontecimentos ocorram.

A conversação é uma das principais formas de aprendizado, a qual fornece ao indivíduo expor, explorar, discutir ou ainda transformar seu mundo ou o mundo de alguém.

O professor como mediador de conhecimentos deve provocar a aproximação entre estes jovens e adultos, que em muitos casos são omissos e indiferentes. Proporcionar práticas que aconteça a socialização ocorrendo o aprendizado de forma a aumentar a auto estima de cada um. O professor que promove desafios a serem superados pode de forma organizada favorecer o aprendizado.

Diante disso direção e professores ficaram satisfeitos com os resultados da prática desenvolvida nesse projeto e pensam em promover outros passeios, como visitas nas cooperativas agrícolas, reuniões dentro da escola com profissionais dentro das políticas públicas do município, tanto na área do esporte quanto na área da agricultura, investir no lazer como gincanas, excursões entre outros.

Sendo que todas essas atividades promovem a socialização, ajudam na alfabetização, fazem da escola um ambiente agradável, proporcionando melhorias para o aluno.

Portanto consegui atingir meus objetivos e acredito que a interação entre os alunos é um dos caminhos para conseguir a permanência do aluno na escola.

4 REFERÊNCIAS.

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?: ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho.** São Paulo: Cortez, 1997.

ARROYO, M. G. **Pedagogias em movimento: o que temos a aprender dos movimentos Sociais?** Currículo sem Fronteiras, v.3, n.1, pp. 28-49, Jan/Jun 2003.

BENJAMIN, C.; CALDART, R. S. **Por uma educação básica do campo: projeto popular e escolas do campo.** Brasília: 1999. (v. 3).

CALDART, Roseli Salete; ET AL. **Dicionário da Educação do Campo.** Rio de Janeiro – São Paulo, Expresso Popular, 2012.

LIMA, Márcia Regina Canhoto. **Paulo Freire e a Administração Escolar: a busca de um sentido.** Brasília: Liber Livro, 2007.

KOLLING, E. J.; Ir. NERY; MOLINA, M. C. (Orgs.). **Por uma educação básica do campo.** Brasília: UNB, 1999.

VENDRAMINI, C. R. **A escola a margem da vida, a margem da política, é falsidade e hipocrisia.** (Lenin). Florianópolis, Perspectiva, v. 22, n. 1, p. 145-165, jan./jun. 2004.